

A CORRENTE SÓCIO-HISTÓRICA DE PSICOLOGIA: fundamentos epistemológicos e perspectivas educacionais

Angel Pino Sirgado'

Introdução

Expor em algumas páginas a contribuição da corrente sócio-histórica de Psicologia é temeroso mas, ao mesmo tempo, excitante. Temeroso, porque se trata de uma linha de pensamento complexa e ainda insuficientemente conhecida entre nós, uma vez que só recentemente estamos tendo acesso às principais obras dos autores que integram esta corrente psicológica. Excitante, porque esta linha de pensamento, se não constitui uma resposta acabada aos vários problemas teóricos colocados à Psicologia, pelo menos representa uma via de superação de certos impasses epistemológicos a que ela chegou.

A Psicologia padece desde as suas origens (que os autores situam na data da aparição das obras de W. Wundt, **Grundzüge der Physiologischen Psychologie** e de F. Brentano, **Psychologie vom Empirischen Standpunkt**, em 1874) de uma espécie de falta de "identidade epistemológica", resultante da dificuldade que ela tem para identificar e definir os contornos do seu próprio objeto de conhecimento. Isso não a impediu, porém, de realizar notáveis progressos, tanto no campo teórico como, e sobretudo, no da sua aplicação em diversos setores da atividade social. Mas, como diz L. Sève (1981), não sem uma certa ironia, ela avança rapidamente no estudo do seu objeto sem saber exatamente em que consiste este objeto. Talvez seja esta uma das

principais razões porque a Psicologia se apresenta ainda como um mosaico de teorias, métodos e práticas heterogêneas, oferecendo "o espectáculo de um universo fragmentado onde se justapõem, ignorando-se ou excluindo-se, as tendências metodológicas, as correntes teóricas, as orientações fundamentais e aplicadas" (Richelle, 1982). Na introdução aos **Anais** do simpósio ocorrido em Londres, em 1980, reunindo representantes das diversas tendências em Psicologia em torno do tema **Models of Man**, A.J. Chapman (1980) observava que o principal elemento que continuava dividindo o campo psicológico era a dupla visão menanicista/humanista. Tal clivagem parece traduzir, no nível teórico como no prático, o velho problema filosófico denominado pelos ingleses de *the mind-body problem*, problema insolúvel enquanto não for superada toda forma de dualismo, fonte de posições reducionistas. Entretanto, a fragmentação do campo psicológico não se deve apenas a este problema e pode ser que Piaget (1970, p. 81) tivesse razão quando afirmava que "um homem de ciência jamais é um puro cientista, mas ele é igualmente alguém engajado numa determinada posição filosófica ou ideológica". No fundo, o *mind-body problem* é um falso problema na medida em que o que define o ser humano não é nem da ordem do biológico nem da ordem do psíquico (entendido este como uma versão do essencialismo aristotélico inerente ao conceito de *psyké*), mas da ordem do simbólico. Outro problema, ligado a ele, é o da relação indivíduo-sociedade entendida quase sempre em termos naturalistas, segundo o modelo biológico organismo-meio. Tratando-se do homem, falar de meio em termos só ecológicos é ignorar a história humana. Assim como o ser humano está inserido na ordem do simbólico, o meio humano está inserido na ordem da cultura, expressão deste simbólico. O problema indivíduo-sociedade é insolúvel enquanto os dois termos desta relação forem entendidos como sistemas autônomos, embora inter-relacionados como quer um certo interacionismo, definindo dois espaços, um privado e outro público, onde os eventos individuais e os eventos sociais podem cruzar-se mas

* Doutor em Psicologia e Professor de Psicologia da Educação da Faculdade de Educação da UNICAMP.

permanecendo essencialmente distintos. O processo da instituição social do indivíduo, diz Castoriadis (1975, p. 405), é o resultado de duas histórias indissociáveis: uma história da *psyke* (psicogênese), ao longo da qual esta se altera e se abre ao mundo social-histórico, e uma história social, na qual a sociedade lhe impõe um "modo de ser" (sociogênese) que ela não poderia jamais fazer surgir dela mesma e que fabrica o "indivíduo social" que emerge "como coexistência, sempre impossível e sempre realizada, de um mundo privado [*kosmos idios*] e de um mundo comum ou público (*kosmos koinos*)".

As Origens da Corrente Sócio-Histórica

As origens da corrente sócio-histórica estão associadas fundamentalmente aos nomes de L. S. Vygotsky (1896-1934), A. N. Leontiev (1903-1977) e A. R. Luria (1902-1977), os quais integram trabalhos e interesses de áreas disciplinares diferentes como a Linguística, a Psicologia, a Pedagogia e a Neurologia. Na época em que aparecem seus primeiros trabalhos, a Psicologia Científica estava fortemente marcada pelo experimentalismo. Do ponto de vista teórico, três correntes principais disputavam o campo psicológico: a introspecionista, inaugurada pelos trabalhos de W. Wundt (1832-1928), que se propunha a descrição dos fenômenos de consciência através da análise dos seus elementos constituintes; a gestaltista, fundada nos trabalhos de M. Wertheimer (1880-1943), K. Koffka (1871-1946) e W. Kohler (1887-1946), que opunha ao elementarismo introspecionista uma análise holística dos fenômenos psíquicos; e a funcionalista que, a partir dos trabalhos de J. Dewey (1859-1952) e de J. R. Angell (1889-1949), contrapunha também ao elementarismo introspecionista uma análise das funções da atividade consciente. O manifesto de Watson (1913), na linha funcionalista, lançava nos EUA a chamada revolução behaviorista, a qual constituía um retorno ao elementarismo do modelo S-R, descartando do campo da análise científica os fenômenos da consciência e os processos mentais, enquanto fenômenos subjetivos, mas deixando também de lado os processos neurofisiológicos, objeto das pesquisas da reflexologia pavloviana na qual Watson se inspirara. Nesta época, S. Freud (1856-1939) já consolidara as bases do movimento psicanalítico na Europa e na América.

A situação da Psicologia russa não era muito diferente da européia, com a qual estava ligada por laços culturais. Apresentava, entretanto, características culturais peculiares em razão da sua história e da fermentação socialista que marcaria o fim da era czarista. Segundo J. Valsiner (1988), as idéias evolucionistas estavam muito disseminadas na Rússia pré-revolucionária. Duas tradições tiveram grande influência, segundo ele, na Psicologia soviética: uma no contexto da Biologia evolucionista, com nomes como V. A. Vagner (1849-1934) e A. Severtsov (1866-1936); outra no da Neurofisiologia, onde se destaca I.M. Sechenov (1829-1905), iniciador da corrente reflexológica, e seus sucessores V. Bekhterev, fundador do Laboratório de Psicologia de Kazan, o primeiro da Rússia, e I. Pavlov. Várias das idéias da construção teórica de Vygotsky, Luria e Leontiev têm sua origem nesta dupla tradição, tais como: a dupla linha de desenvolvimento, a natural e a social-cultural, presente na perspectiva evolucionista de Vagner; a visão holística do desenvolvimento e a função dos instrumentos na atividade humana, integrantes da concepção evolucionista de Severtsov; a idéia da existência de duas categorias de funções, as elementares e as superiores, assim como o conceito de interiorização das funções psíquicas, presentes na dupla dimensão das condutas, a voluntária e a involuntária, de Sechenov; a importância da atividade na transformação da realidade externa e interna da pessoa, a qual faz parte dos trabalhos de Bekhterev; finalmente, a função atribuída à linguagem encontra no segundo sistema de sinais de Pavlov um referencial importante. A influência desta tradição e de outros autores russos, como P. Blonsky (caráter histórico do comportamento), K. N. Kornilov, o grupo de M. Basov em Leningrado (em particular, Shapiro e Gerke), deve acrescentar-se a influência de autores europeus como Kohler (método da dupla estimulação), Voikeelt, Krueger, a da "escola de Leipzig" (Psicologia do Pensamento), de K. e Ch. Buhler, W. Stern, J. Piaget, assim como a dos antropólogos L. Levy-Bruhl e Thrunwald e dos lingüistas L. P. Yakubinsky, R. O. Jakobson, A. A. Potebnya e F. de Saussure. Toda estas influências têm, porém, como pano de fundo, as idéias fundamentais da filosofia de Marx e Engels.

Marxismo e Psicologia Sócio-Histórica

A revolução de outubro (1917) e a implantação do marxismo-leni-

nismo, após a guerra civil (1918-1920), representaram uma transformação radical da sociedade russa e da futura URSS: no campo social, econômico, político e ideológico, com profundas repercussões no campo da ciência e das idéias. Falar que a corrente sócio-histórica de Psicologia tem uma fundamentação marxista exige algumas explicações. Como diz Valsiner (1988, p.77), "a história da Psicologia na Rússia Soviética na década de 1920 é um caso interessante da relação ciência-sociedade". De um lado, porque a ideologia oficial assume progressivamente um papel controlador da atividade científica, portanto da Psicologia. De outro, porque uma boa parte da jovem geração de psicólogos dedica-se, com entusiasmo, a construir novos sistemas teóricos em Psicologia com base nas teses principais do materialismo dialético. Como o mostra Valsiner, durante os anos 20 e parte dos 30, desenvolvem-se acirradas disputas nos numerosos congressos que têm lugar na Rússia sob o olhar "vigilante" do partido, que não tolera desvios doutrinários mas que deixa que eles sejam resolvidos ao nível interno das próprias comunidades científicas. Embora este clima fosse propício para o "uso do Marxismo" como meio para conservar ou conquistar posições na *intelligenza* da nova sociedade (academia e associações científicas), é inegável que mitos intelectuais encontravam no materialismo dialético e nos princípios do materialismo histórico¹ as bases de uma nova Psicologia que permitisse superar os impasses e paradoxos com que se debatia a Psicologia da época. Esta parece ter sido a posição do grupo que deu origem à corrente sócio-histórica e dos seus continuadores, depois. É difícil, todavia, estabelecer toda a extensão da influência das idéias marxistas em cada um desses autores. Aparentemente, alguns são mais restritos que outros na utilização dessas idéias. Entretanto, é possível afirmar que as bases, sobre as quais se ergue a construção teórica desta corrente psicológica, constituem o que há de mais sólido na

Mantenho aqui a diferenciação que L. Althusser faz entre **materialismo histórico** e **materialismo dialético**, em razão da especificidade do objeto: os modos de produção, sua organização, seu funcionamento e suas transformações, no primeiro caso; e a história da produção de conhecimento enquanto conhecimento, no segundo (Althusser, Badiou, 1979, p.43).

filosofia de Marx e Engels e não têm nada a ver com o uso abusivo do marxismo-leninismo que encontramos em alguns autores, como é o caso do filósofo francês L. Sève (1981). Em relação à corrente sócio-histórica, mais do que falar em "Psicologia marxista" é mais correto falar numa Psicologia com fundamentos marxistas.

A situação desses autores era bastante delicada. Como o mostram Davidov e Radzikhovsky (1985) a respeito de Vygotsky, principal artífice desta nova corrente, os anos 20 estão marcados na Psicologia russa por um intenso e rápido trabalho de demolição da tradição subjetivista-empiricista que dominava antes da revolução, na tentativa de construir uma Psicologia em consonância com os princípios do marxismo. Isto implicou uma dupla pressão: a das tendências objetivistas dominantes na Psicologia da época (especialmente a reflexológica e a behaviorista) e a das tendências sociológicas num momento em que o marxismo não estava ainda suficientemente assimilado pela intelectualidade. Isto explica, segundo aqueles autores, a existência de concepções tão diferentes a respeito do objeto da Psicologia: "ciência do comportamento" (Borowsky, Blonsky), "ciência dos reflexos" (Behkterev), "ciência das reações" (Kornilov), "ciência dos reflexos sociais" (Reisner), etc. A tendência objetivante de alguns levou a ignorar o problema da consciência; enquanto que as idéias marxistas de outros o colocavam como um verdadeiro problema da Psicologia, analisável cientificamente, mas em termos ainda reducionistas. O artigo de Vygotsky, em 1925, **A Consciência como um Problema na Psicologia da Conduta** (o qual deu origem a diversas interpretações contraditórias, em razão da dupla leitura que ele permitia, a psicológica e a metodológica), constituía uma rejeição das várias interpretações do problema da consciência e lançava as bases metodológicas para a sua integração como objeto de análise psicológica (como o entendeu Leontiev). Confrontando este artigo com outro escrito mais tarde, **O Significado Histórico da Crise na Psicologia** (1926), Davidov e Radzikhovsky conseguem mostrar que se trata de um trabalho metodológico, cuja análise revela o esforço enorme que representou a construção de um novo paradigma psicológico, que integrasse algumas das contribuições da Psicologia da época (e de outras disciplinas como a Lingüística, a Antropologia, a Neuro-

logia, etc.) com os grandes princípios do materialismo dialético, particularmente no referente ao método, ao conceito de atividade e à origem social das funções psicológicas.

Os Grandes Princípios do Paradigma Sócio-Histórico

A partir das numerosas análises que vem sendo feitas dos trabalhos pioneiros de Vygotsky, Luria e Leontiev, particularmente do primeiro (Wertsch, 1985a e 1985b; Hickmann, 1987; Valsiner, 1988), é possível destacar os princípios epistemológicos do que pode ser chamado de paradigma sócio-histórico. Sua análise, mesmo rápida, permite ver a especificidade desta corrente de pensamento psicológico e sua contribuição para uma nova concepção do psiquismo humano. Limitar-me-ei a três questões principais.

A Questão do Método

Na medida em que o método de investigação tem a ver com a natureza do objeto investigado, Vygotsky (1984, p.87) tem razão quando afirma que uma abordagem nova de um problema científico conduz, inevitavelmente, à criação de um novo método. Se nem todos os problemas analisados pela corrente sócio-histórica são novos, nova certamente é a sua abordagem; daí a necessidade de um novo método.

Um ponto central deste método, desenvolvido particularmente por Vygotsky (1984), é que os fenômenos psíquicos não podem ser considerados e estudados como meros objetos mas como **processos em mudança**. Analisando o método dominante na Psicologia da sua época, método experimental cuja estrutura geral era a do E-R, Vygotsky sustenta que, mesmo que ele possa ser adequado ao estudo de processos elementares (de natureza biológica), não pode servir de base para o estudo de processos complexos, como as formas de comportamento especificamente humanas. Com efeito, o desenvolvimento psicológico dos homens difere qualitativamente do desenvolvimento animal e ele faz parte do desenvolvimento histórico da espécie cujo

estudo exige um método próprio, que, num determinado momento, Vygotsky chamou de lógico-histórico.

A idéia chave deste método decorre do contraste, já enunciado por Engels (**Dialética da Natureza**), entre abordagem naturalista e abordagem dialética. A primeira parte da suposição de que só as condições naturais são determinantes do desenvolvimento histórico. A segunda, ao contrário, mesmo admitindo a influência das condições naturais, sustenta que o homem age sobre a natureza e a transforma, criando novas condições de existência. A abordagem dialética exige um novo método de análise e uma nova estrutura analítica. Três princípios básicos definem, segundo Vygotsky, a nova abordagem metodológica das funções especificamente humanas.

O primeiro é que ela vise a **processos** e não a objetos. Os processos implicam **mudanças** que requerem mais ou menos tempo e cuja gênese e evolução podem ser seguidas em determinadas circunstâncias. A análise do processo requer uma exposição dinâmica dos pontos que constituem a **história** deste processo. O segundo é que ela seja **explicativa** e não meramente descritiva, chegando às relações internas constitutivas da coisa, pois a mera descrição não ultrapassa o nível das aparências. Como já disse Marx (1977, v.3, p.739), "se a aparência e a essência das coisas coincidissem, toda ciência seria supérflua": A abordagem deve ser genética e dinâmica, ou seja, que chegue à história constitutiva dessas funções; o que não quer dizer estudar um evento no passado, mas estudá-lo no seu processo de mudança. Neste ponto, Vygotsky retoma a idéia de Blonaky: o comportamento só pode ser entendido como a história do comportamento. A história sendo mudança, ela traduz o processo de constituição do comportamento. A reconstrução deste processo dá acesso ao seu conhecimento. O terceiro é que os processos psicológicos fossilizados, automatizados ou mecanizados após um longo processo histórico de desenvolvimento, devem ser analisados nas suas **origens**. Nelas, "o passado e o presente se confundem e o presente é visto à luz da história" (Vygotsky, 1984, p.74).

Na sua análise da consciência, Vygotsky (1979) estabelece dois processos básicos desta metodologia, articuladores da teoria e do meto-

do: a unidade de análise e o princípio explicativo. A idéia de unidade de análise está inspirada particularmente na função que a mais valia desempenha na análise econômica. Na análise que faz Zinchenko (1985) deste conceito, ele destaca as seguintes características: é uma estrutura psicológica integrada; deve ser uma parte viva deste todo, integrando os elementos contraditórios. O que Vygotsky propõe, em contraposição ao elementarismo (análise de um todo através dos seus elementos), é uma metodologia que investigue os fenômenos através de uma unidade que, como ele diz, "retém todas as propriedades básicas do todo" (apud Zinchenko, 1985). A análise deve ser, portanto, holística e não elementarista, uma vez que os elementos só têm significação na totalidade em que estão integrados. A proposta é de Vygotsky metodólogo; pois o Vygotsky psicólogo nem sempre respeitou as características atribuídas a esta unidade, como ocorre, segundo Zinchenko, com a escolha do significado da palavra para estudar a relação da fala e do pensamento. O princípio explicativo é um conceito que "reflete uma certa realidade que, por sua vez, determina fenômenos mentais e torna possível sua reconstrução" (Davidov, 1985, p.51). Assim, a unidade de análise define um campo teórico-metodológico de análise. O princípio explicativo é um construto que permite relacionar uma determinada realidade com uma determinada elaboração teórica, ou seja, é uma expressão conceitual de uma determinada realidade.

Conceito de Atividade

A teoria da atividade, fundamental na construção da psicologia sócio-histórica, surgiu, tanto em Vygotsky como em Leontiev, seu principal elaborador, relacionada com a explicação da questão da consciência. Rejeitando o duplo reducionismo, o essencialismo idealista e o materialismo elementarista, a consciência é vista como emergindo ou constituindo-se no processo da atividade humana. Seu estudo está, assim, ligado à análise da atividade.

O conceito de atividade está inspirado no conceito de **trabalho** de Marx e Engels. Tanto Vygotsky como Leontiev a ele se referem. A atividade humana, mediadora das relações do homem com a natu-

reza, diferencia-se das formas de atividade animal porque ela confere uma nova **forma** à realidade; ela é, portanto, uma atividade criadora, distintiva do ser do homem. É este caráter criador que, nos escritos de Marx e Engels, define o significado do trabalho, pelo qual, o homem, ao mesmo tempo que "age sobre a natureza externa e a modifica, modifica sua própria natureza e desenvolve as faculdades nela adormecidas" (Marx, 1977, v. I, p.136). A metáfora "faculdades adormecidas" não autoriza nenhuma interpretação do tipo idealista ou inatista, pois fica claro nos textos marxianos que atividade de trabalho modifica o homem tanto quanto modifica a natureza. Graças a esta produção, a natureza aparece como sua obra e sua realidade. O objeto produzido pelo trabalho é a "objetivação" da própria atividade do homem (Marx, p.1972-64). O modelo da atividade de trabalho compõe-se de três elementos: o sujeito ativo, o objeto e o mediador instrumental. O objeto traduz a atividade inteligente do sujeito enquanto concretização do seu projeto; isto o torna um objeto de "re-conhecimento": o sujeito se "re-conhece" no objeto e é nele "re-conhecido" pelos outros, o que faz dele uma produção social-cultural. A atividade de trabalho concretiza-se através de instrumentos fabricados pelo homem para serem condutores da sua ação. Enquanto tais, eles refletem, antecipadamente, as características e propriedades do objeto que vai ser produzido, o que os torna portadores, como diz Leontiev (1978a, p. 82), "da primeira verdadeira abstração consciente e racional". Enquanto objetivação da atividade produtora do homem, este encontra nos objetos do trabalho, ao mesmo tempo, um produto e uma fonte de conhecimento; da mesma forma que na atividade de trabalho ele encontra o meio de fazer emergir nele as funções e habilidades humanas, objetivadas também nas produções culturais dos homens, particularmente, as técnicas e artísticas.

O processo inverso da objetivação é o da apropriação e internalização das produções culturais. Como diz Vygotsky (1984, 1989), falando do desenvolvimento ontogenético, as funções humanas (pensamento, linguagem, habilidades), antes de existirem ao nível individual (intra-psíquico), existem ao nível social (inter-psíquico). Sua apropriação é o resultado de um lento processo de "re-construção" pelo indivíduo, verdadeiro significado do conceito de internalização.

Mediação Semiótica

Uma das maiores contribuições de Vygotsky à teoria da atividade humana reside na associação que ele faz entre instrumentos técnicos e sistemas de **signos**, em particular o lingüístico. A função instrumental é central na obra de Vygotsky e de outros autores da corrente sócio-histórica. Segundo ele, o que caracteriza a atividade humana é que ela é mediada "externamente", pelos instrumentos técnicos, orientados para **regular** as ações sobre os objetos, e pelos sistemas de **signos**, orientados para **regular** as ações sobre o psiquismo dos outros e de si mesmo. A incorporação dos signos à atividade instrumental (mero uso de instrumentos) confere a esta sua dimensão humana. Ao analisar a ação dos signos na atividade humana, Vygotsky faz do significado das palavras a "unidade de análise". Isso porque a palavra constitui, segundo ele, o "microcosmos" da consciência, aquilo em que ela se reflete, como o universo se reflete no átomo.

Apesar das dificuldades que esta escolha coloca, este modelo não só ajuda a explicar a função mediadora da linguagem (a significação e o elemento que circula e unifica todos os processos psíquicos), como ajuda a esclarecer a natureza das funções psicológicas (conteúdo e forma) e sua origem social (Pino, 1991). A importância desta análise é que ela mostra as relações estreitas que ligam o pensamento humano à linguagem, uma vez que os significados das palavras, socialmente constituídos, cumprem uma dupla função: de representação e de generalização, o que permite a reconstrução do real ao nível do simbólico, condição da criação de um universo cultural, e a construção de sistemas lógicos de pensamento que tornam possível a elaboração de sistemas explicativos da realidade. Por outro lado, esta dupla função permite a comunicação da experiência, individual e coletiva. A introdução da mediação semiótica no modelo psicológico permite superar antigos dualismos e explicar certos paradoxos que marcaram a história da psicologia (corpo/mente, natureza/cultura, indivíduo/sociedade, espaço privado/espaço público, etc). Por outro lado, a mediação semiótica torna compreensível a origem e a natureza social da vida psíquica, o caráter produtivo da atividade

humana e o processo da produção social do conhecimento e da consciência, a qual, como diz Luria (1987), é uma "estrutura semântica".

Implicações Epistemológicas e Educacionais

Tal concepção do psiquismo amplia os pontos de interface da Psicologia com outras áreas do conhecimento (como a Paleontologia, a Antropologia, a História, a Sociologia, a Neurologia, a Lingüística e a Epistemologia), permitindo um novo estilo de "diálogo" com essas ciências, numa perspectiva transdisciplinar, cuja necessidade é sentida cada vez mais por grupos cada vez mais numerosos.

Por outro lado, as condições históricas em que surgiu a corrente sócio-histórica de Psicologia fizeram com que ela estivesse estreitamente ligada à Educação e preocupada com as questões educacionais, setor fundamental no projeto revolucionário de construção de um novo tipo de sociedade. As questões educacionais estão presentes em grande parte das pesquisas de Vygotsky, Luria e Leontiev. Além das implicações práticas contidas na própria natureza desse sistema teórico (por exemplo, o novo status epistemológico da atividade humana e a função da linguagem no desenvolvimento humano e na construção dos processos de pensamento, perspectiva totalmente nova em Psicologia), Vygotsky, particularmente, contribuiu para esclarecer questões extremamente importantes no campo educacional: a natureza e a aquisição da fala; as origens e a natureza da linguagem escrita; o jogo simbólico; a interligação entre desenvolvimento e aprendizagem, onde surgiu o conceito, pedagogicamente rico, de "zona de desenvolvimento proximal". Antiga no tempo, esta corrente psicológica surge como algo curiosamente novo e em perfeita consonância, em pontos essenciais, com questões científicas e epistemológicas que são o objeto do debate contemporâneo.

Referências bibliográficas

ALTHUSSER, BADIOU. **Materialismo histórico e materialismo dialético**. São Paulo: Global, 1979.

- CASTORIADIS, C. L'institution imaginaire **de** la société. Paris: Seuil, 1975.
- CHAPMANN, A.J., JONES, D.M. **Models of man**. London: British Psychology Association, 1980.
- CHATEAU, J. **Le malaise de la Psychologie**. Paris: Flammarion, 1977.
- DAVIDOV, V.V., RADZIKHOVSKY, L.A. Vygotsky's theory and the activity approach in Psychology. In: WERTSCH (Ed.) **Culture, communication and cognition in Vygotskian perspectives**. Cambridge: Cambridge University, 1985. p.35-65.
- HICKMANN, M. (Ed.) **Social and functional approaches to language and thought**. New York: Academic Press, 1987.
- LEONTIEV, A. **Actividad, conciencia y personalidad**. Buenos Aires: Ciencias del Hombre, 1978a.
- _____ **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte, 1978b.
- LURIA, A.R. **Pensamento e linguagem: últimas conferências**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- MARX, K. **Manuscripts de 1844**. Paris: Ed. Sociales, 1972.
- _____ **Le capital**. Paris: Ed. Sociales, 1977. 3v.
- PINO, A. O conceito de mediação semiótica em Vygotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano. **Cadernos CEDES**, São Paulo, n.24, p.32-43, 1991.
- RICHELLE, M. Craintes et espérances pour la Psychologie de l'an 2000. In: FRAISSE, P. (Org.) **Psychologie de demain**. Paris: PUF, 1982. p.55-56.
- SEVE, L. **Marxisme et théorie de la personnalité**. Paris: Ed. Sociales, 1981.
- VALSINER, J. **Developmental Psychology in the Soviet Union**. Indianapolis: Indiana University, 1988.
- VYGOTSKY, L.S. Consciousness as a problem in the Psychology of behavior. **Soviet Psychology**, n. 4, p.3-35, 1979.
- _____ **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- _____ **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- WERTSCH, J.V. (Ed.) **Culture, communication and cognition in Vygotskian perspective**. Cambridge: Cambridge University, 1985a.
- _____ **Vygotsky and the social formation of mind**. Cambridge: Harvard University, 1985b.
- ZINCHENKO, V.P. Vygotsky's ideas about unites for the analysis of mind. In: WERTSCH, J.V. (Ed.) **Culture, communication and cognition in Vygotskian perspective**. Cambridge: Cambridge University., 1985.